



## COLÔMBIA

# Coalizão implode e Petro muda gabinete

Primeiro presidente de esquerda do país troca sete ministros, inclusive o titular da Fazenda, e fala em "governo de emergência". Medidas buscam responder ao desgaste entre o Executivo e o Legislativo

» RODRIGO CRAVEIRO

Juan Diego Cano/Presidência da Colômbia/AFP - 27/2/2023



Petro ao lado da vice, Francia Márquez (segunda à esquerda), e dos ministros, em 27 de fevereiro passado: em apuros para aprovar projetos de lei

Quando tomou posse como o primeiro presidente de esquerda da Colômbia, em 7 de agosto de 2022, o ex-guerrilheiro Gustavo Petro falou em uma "segunda oportunidade" para todos os colombianos e colombianas. "É a hora da mudança", avisou, antes de pedir que os países da América Latina deixassem de lado as diferenças ideológicas. Passados 262 dias do histórico discurso, Petro foi forçado a mudar por completo o curso de seu governo, motivado pela implosão da coalizão que o levou ao poder. Ele trocou quase metade de seu gabinete.

Na tarde de ontem, o chefe de Estado colombiano anunciou a substituição de sete de seus 18 ministros, inclusive o titular da Fazenda, o acadêmico liberal José Antonio Ocampo, que dará lugar a Ricardo Bonilla. "O programa de governo estabeleceu um roteiro para levar adiante a mudança pela qual votaram milhões de colombianos e colombianas. (...) Hoje, se constrói um novo gabinete, que ajudará a consolidar o programa de governo, que será a base de um acordo nacional franco e sincero", declarou Petro. No comunicado à imprensa, o presidente lamentou que seu gabinete foi rechaçado por lideranças políticas tradicionais, assim como sua aposta por diálogo e pacto. "Decidimos configurar um governo para redobrar nossa agenda de transformação social a serviço da grande maioria dos cidadãos e dos povos da Colômbia", declarou.

Em menos de um ano de gestão, Petro enfrenta dificuldades para aprovar projetos de lei no Congresso. "O governo de emergência tem que ser instalado já, pois o Congresso não foi capaz de aprovar artigos simples, muito pacíficos, que teriam permitido uma melhor democratização da terra, por ordem constitucional e por ordem de um acordo de paz", afirmou Petro, na terça-feira, durante pronunciamento na cidade de Zarzal, no Valle del Cauca. Na ocasião, ele pediu a todos os ministros a renúncia coletiva.

Cientista política da Universidad Externado de Colombia (em Bogotá), Magda Catalina Jiménez Jiménez afirmou ao **Correio** que a decisão de Petro decorre da impossibilidade de fazer as reformas pretendidas pela Casa de Nariño,



Fotos: Arquivo pessoal

"As reformas planejadas por Petro tornaram-se impossíveis. A política sempre é feita de dissensões e de consensos. Para o presidente Petro, é muito difícil obter consensos e concordar em pontos mínimos. Apesar de existirem negociações, elas não necessariamente ficam plasmadas em documentos finais. Petro tenta um reinício de sua gestão, mas não sei até que ponto isso é algo bom na metade do processo. Vejo uma crise de governabilidade e uma tensão institucional bastante complicada na relação entre o Executivo e o Legislativo."

Magda Catalina Jiménez Jiménez, cientista política da Universidad Externado de Colombia (em Bogotá)

sede do Executivo. "Há duas lógicas conflitantes no governo. Uma provém dos movimentos sociais e dos pactos históricos entre as coalizões, com decisões mais horizontalizadas. A outra, adotada pelo Congresso, que precisa de articulação com outras instâncias políticas e de elementos de temporalidade para pensar e negociar os temas. Isso impossibilitou a rápida tramitação defendida por Petro", explicou.

### Ambição

Andrés Felipe Ortega Gómez, professor de ciência política da Pontificia Universidad Javeriana e

da Universidad El Bosque (em Bogotá), lembrou que o governo apresentou ao Congresso um conjunto de reformas muito ambicioso. Entre elas, reformas de proteção social, trabalhista, de aposentadoria e da saúde — essa última para fazer uma mudança no modelo um pouco público e privado. "Petro é um presidente que sente que as reformas não avançam com a velocidade desejada. A discussão no Congresso dilata muito mais as reformas esperadas. O governo tem a necessidade de mostrar resultados muito mais rápidos. Ele precisa de ministros mais comprometidos com seu projeto político", disse ao **Correio**.

### Eu acho...



"Este é o primeiro governo de esquerda em 200 anos de República. A Colômbia não é um país tão aberto a mudanças. Isso causa muitas discussões, porque existe uma sociedade que tem esperança de que as coisas se transformem. No entanto, uma estrutura política, uma estrutura jurídica e uma cultura — inclusive política — não reconhecem essa urgência de mudança. As realidades de percepção são muito díspares entre moradores de grandes cidades e a população de municípios pequenos."

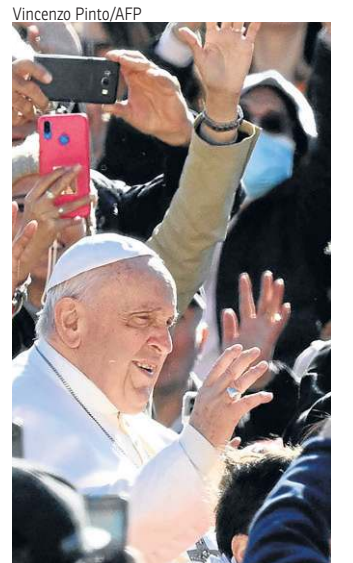
Andrés Felipe Ortega Gómez, professor de ciência política da Pontificia Universidad Javeriana e da Universidad El Bosque (em Bogotá)

De acordo com Gómez, Petro se sustenta por uma coalizão. "Ela não funciona porque as reformas não avançam, particularmente a da saúde, que desgasta o governo e causa problemas com legendas tradicionais, como o Partido Liberal e o Partido Conservador. Ambos avisaram que não autorizarão a reforma", afirmou o professor. "O governo não tem conseguido cumprir com as enormes expectativas e precisava mudar, pois é isso o que exige a sociedade colombiana."

Por sua vez, Alejandro Bohórquez-Keeney, professor de governo na Universidad Externado de Colombia (em Bogotá), avaliou que,

com a troca de parte do gabinete, Petro aproveitou para desfazer-se de ministros afiliados a outros partidos. "A estratégia dele é ter ministros mais afeitos ao seu projeto e a ele próprio, assessores que não o questionem tanto", comentou ao **Correio**. Segundo Bohórquez, Petro chegou ao poder escorado em uma aliança incômoda. "O presidente é uma pessoa muito doutrinária e narcisista. Ele acredita que seus projetos são infalíveis, apesar de ter sido eleito sem maioria absoluta. Sua capacidade de governabilidade deverá diminuir, e não acredito que ele faça concessões nem negocie com outros partidos."

## VATICANO



Francisco acena ao chegar no papamóvel para a audiência geral na Praça de São Pedro, no Vaticano

## Papa permite voto inédito de mulheres em Sínodo

Em um anúncio sem precedentes na história da Igreja Católica, o Vaticano decidiu que as mulheres terão direito a votar no próximo Sínodo (assembleia de bispos) de todo o mundo. O movimento expressa o desejo do papa Francisco de conferir mais espaço às mulheres dentro da instituição. Em outubro, bispos de todo o mundo se reunirão, na Cidade do Vaticano, para debater o futuro da Igreja. Pela primeira vez, mulheres e leigos não consagrados terão o direito de votar durante a assembleia.

Um documento divulgado pela Santa Sé indica que, "além dos bispos, arcebispos e outros religiosos eleitos pelas conferências episcopais, poderão votar outros 70 membros (...) que representam os demais fiéis do povo de Deus". Desse 70 membros, 50% serão mulheres, incluindo as jovens. "Ao identificá-las, será necessário levar em conta não somente a cultura geral e a prudência, mas também os conhecimentos, tanto teóricos quanto práticos, assim como a participação, segundo a sua capacidade, no processo sinodal", especifica o documento.

"Esta é uma grande mudança", admitiu ao **Correio** o vaticanista norte-americano Thomas Reese, analista do site Religion News Service. "Tanto quanto sabemos, o Sínodo foi composto, basicamente, por bispos, com poucos padres que dirigem grandes ordens religiosas. Agora, cerca de 25% do Sínodo não será formado por bispos. Desse não bispos, Francisco espera que a metade seja de mulheres", destacou. Reese acredita que, com essa decisão, o pontífice envia uma mensagem de que leigos e leigas deveriam fazer parte do processo de tomada de decisões da Igreja Católica.

### Visita

Amanhã, Francisco inicia uma viagem apostólica de três dias à Hungria, onde será recebido pelo premiê de extrema direita Viktor Orbán. Ambos deverão conversar sobre a guerra na Ucrânia e a política anti-imigração, condenada pelo Vaticano. O pontífice e o líder ultranacionalista têm visões antagônicas sobre vários assuntos. Calvinista convicto, o primeiro-ministro húngaro defende uma "Europa cristã" e livre de migrantes muçulmanos. Por sua vez, Francisco pede uma distribuição mais equitativa, entre os países da União Europeia, de todos os que fogem das guerras e da fome. Por outro lado, Orbán quis manter os laços com Moscou e se abstém de criticar o presidente russo Vladimir Putin, além de se recusar a enviar armas para a Ucrânia. (RC)

## GUERRA NA UCRÂNIA

# Xi admite a Zelensky que negociar é a "única saída"

Em um desdobramento considerado importante para o futuro da guerra na ex-república soviética, os presidentes da China, Xi Jinping, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, conversaram por telefone pela primeira vez desde a invasão russa. "Tive um telefonema longo e significativo com o presidente Xi Jinping. Acredito que esta chamada, assim como a nomeação do embaixador da Ucrânia para a China, dará forte impulso ao desenvolvimento de nossas relações bilaterais", escreveu o líder ucraniano em seu perfil no Twitter.

Durante a ligação de quase uma hora, Xi disse ao homólogo ucraniano que "o diálogo e a negociação" são a única via para a paz. "Sobre a questão da crise ucraniana, a China sempre esteve do lado da paz e sua posição fundamental é promover

um diálogo de paz", disse o chinês. "O diálogo e a negociação são a única saída para o conflito com a Rússia."

De acordo com Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, a conversa é um "bom sinal". "Demorou 18 anos, desde o início da invasão à Ucrânia (com a anexação da Crimeia), para que ela ocorresse. A China apontou um representante diplomático especial para acompanhar a guerra na Ucrânia", disse ao **Correio**.

Ele critica o fato de a iniciativa de paz proposta pelos chineses não comportar um apelo à retirada russa. "A China fala em respeito à soberania, mas trata-se de algo vago. Pequim deveria se pronunciar sobre o fato de que a integridade territorial da Ucrânia tem que ser recuperada."

Haran rejeita a proposta chinesa como "fórmula para a paz". "Poderia existir, no plano chinês, uma posição unificada dos Brics — grupo formado por Brasil, Índia, China e África do Sul, além da Rússia — para influenciar Moscou a parar com a chantagem nuclear e a abrir corredores humanitários a partir da Ucrânia, por exemplo. Outro ponto seria resguardar a segurança das usinas nucleares, como a de Zaporizhzhia (sul)", explicou.

Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política (em Kiev), considera o telefonema como "crucial". "Apesar de usar termos como 'crise ucraniana' e não mencionar a Rússia como o agressor, a conversa entre Xi e Zelensky é um progresso", admitiu ao **Correio**.

Suslov lembrou que ações anteriores da China dizem mais do que palavras. Ele cita a recente visita de

AFP



Presidente Volodymyr Zelensky fala ao telefone com Xi Jinping

Xi a Moscou, a ida do ex-presidente russo Dmitry Medvedev a Pequim, e um "plano de paz" vago e genérico que apoia as alegações da Rússia sobre a ameaça representada pela Otan e pelas sanções. "Todas são

evidências de apoio à Rússia. Na Ucrânia, há expectativas de que a comunicação entre os líderes possa contribuir para a melhor compreensão do lado chinês, tornando Pequim um ator neutro." (RC)